

ARTES PLÁSTICAS

Martins exhibe sinais de sexo no enxoval

CELSO FIORAVANTE
da Reportagem Local

A artista plástica Mara Martins não pinta, mas borda, literalmente. E em dois sentidos. Naquele metafórico, que remete ao ditado popular que diz "fulano pinta e borda", usado para designar alguém transgressor; e naquele prático, já que os objetos que apresenta hoje em sua individual na galeria Thomas Cohn são realmente, em sua maioria, objetos bordados.

Mara Martins borda peças de vários tamanhos, vaginas e uma vasta gama de cenas eróticas explícitas em objetos de uso doméstico, como toalhinhas de mesa, anáguas, camisolas, lenços, aventais e luvas de crochê. As cenas têm conotação heterossexual.

Masturbação, felação ou penetração abandonam a alcova e ganham assim o campo familiar e doméstico.

Na verdade, essas cenas nunca deixaram de ser familiares. Primeiro porque se tratam de cenas do cotidiano, embora privado. Segundo, pois foram retiradas da mídia, como o bordado de uma cunilíngua ("As Chaves de Mapplethorpe"), realizada a partir de um trabalho do fotógrafo norte-americano Robert Mapplethorpe.

Longo a seguir, uma sequência de 13 cenas bordadas em uma anágua de linho foi retirada das histórias eróticas de Carlos Zéfiro ("Os Passos da Paixão").

O autor erótico e desenhista Zéfiro é grande fonte de inspiração da artista e reaparece em série de toa-

lhas de mesa com cenas e frases eróticas explícitas.

"Quis mostrar essa ambigüidade entre o explícito e o subjetivo", disse a artista paulista radicada no Rio, que com suas obras rompe com o universo romântico da mulher e das artes manuais.

Mara Martins dessacraliza ainda objetos de cunho religioso, como os corações de cera usados em simpatias pela umbanda, que transforma em vulvas de bronze disfarçadas. Mara Martins segue assim os passos de Nelson Leirner, um seu admirador e transgressor de carteirinha.

Cabe lembrar que a mostra de Mara Martins é proibida para menores de 18 anos.

Também hoje, a Thomas Cohn inaugura a mostra do projeto Portas Abertas, que selecionou seis jovens artistas do Estado de São Paulo para mostra na galeria (leia texto nesta página).

Mostra: Mara Martins (individual com objetos bordados e esculturas em bronze e em cera) e coletiva do projeto Portas Abertas (pinturas, desenhos, objetos e fotografias de Rodrigo Cunha, Carmem Alves, Fábio Faria, Eduardo Srur, Regina Sposatti e Marcelo Zocchio)

Onde: galeria Thomas Cohn (av. Europa, 641, Jardins, tel. 011/883-3355)

Vernissage: hoje, às 20h

Quando: de segunda a sexta, das 11h às 19h; sábado, das 11h às 14h; até 17 de abril

Preços das obras: de R\$ 800 a R\$ 5.000 (obras de Mara Martins). Obras do projeto Portas Abertas, de R\$ 500 (fotografias de Marcelo Zocchio) a R\$ 5.000 (pinturas de Rodrigo Cunha)



Corações de bronze realizados a partir de molde de cera com vulvas esculpidas, obra de Mara Martins que está na mostra que a artista inaugura hoje na galeria Thomas Cohn



A artista plástica Mara Martins com detalhe de obra na Thomas Cohn e lenço bordado com motivo erótico



Paulo Giandalla/Folha Imagem



Fotografia colorida montada em PVC de Marcelo Zocchio e óleo sobre tela de Fábio Faria, dois selecionados no projeto Portas Abertas

Coletiva tem seis jovens

da Reportagem Local

A galeria Thomas Cohn selecionou seis artistas para a coletiva de seu projeto Portas Abertas, dedicado a emergentes do Estado de São Paulo, que recebeu 468 inscrições.

Uma das características da seleção é o apego à tradição (três são pintores) e à figuração, presente em todos eles.

Um dos destaques é Fábio Faria, 24, que apesar de sua pouca idade demonstra domínio da técnica óleo sobre tela e bom repertório de paisagens urbanas e domésticas.

Marcelo Zocchio preferiu um jogo conceitual próximo à serialização proposta pela arte pop ao criar novas fronteiras para mapas do Brasil coloridos e monocromáticos.

Já os desenhos de Carmem Alves, apesar de seu apuro técnico, pecam em seu repertório de imagens, já que velas, galhos de árvores e linhas que simulam pontes remetem claramente à obra da também jovem Sandra Cinto. (CF)

ACERVO Museu usa doações por meio da Lei Rouanet e adquire obras de Waltercio Caldas, Lygia Clark e outros, em exibição a partir de hoje

Lei ajuda MAM-SP a enriquecer seu acervo



"A Experiência Mondrian", 78, de Waltercio Caldas adquirida pelo MAM e que estará exposta a partir de hoje

FERNANDO OLIVA
da Redação

O Museu de Arte Moderna de São Paulo acaba de enriquecer o seu acervo com alguns dos grandes nomes da arte brasileira do pós-guerra. Dez obras recém-adquiridas de Lygia Clark, Hércules Barsotti, Waltercio Caldas, Hermelindo Fiaminghi, Luís Sacilotto e Wesley Duke Lee estão a partir de hoje na sala 3 do MAM.

Em tempos de crise do real e vacas magras no mercado de arte, o museu aproveitou as vantagens da Lei Rouanet (de incentivo à cultura), que estabeleceu regras de estímulo a doações para museus, entre outras áreas.

Com a verba da renúncia fiscal, apostou no preenchimento de seu acervo na área em que a coleção é mais forte e justamente onde as lacunas são mais gritantes, a arte feita no Brasil desde o final da década de 40 até hoje.

Hércules Barsotti chega ao MAM com uma pintura ("Três Brancos", 59, tela que esteve na sala monocrômica da última Bienal) e quatro desenhos (dois de 1959 e dois da década de 60). De Waltercio Caldas vem o objeto "A Experiência Mondrian", de 78, em que o nome do pintor holandês Piet Mondrian (1872-1944) corre em uma tela digital (veja foto acima). A obra antecipa o trabalho da norte-americana Jenny Holzer em alguns anos.

Fiaminghi está representado por "Círculos Concêntricos e Alternados", pintura de 56.

"Composição" (48), de Luís Sacilotto, é uma das mais importantes entre as obras que o MAM adquiriu. "A pintura é uma das primeiras obras construtivas criadas no Brasil", diz Chiarelli.

A nova Lygia Clark é uma escultura de 1958 da série "Superfície Modulada". E Wesley Duke Lee exibe uma pintura da década de 60.

As obras foram selecionadas por Tadeu Chiarelli, curador-chefe, Aracy Amaral, da comissão de arte, e José Olympio Pereira, um dos diretores do museu.

"Quando alguma instituição for montar uma exposição sobre arte brasileira do pós-guerra, o MAM provavelmente vai estar representado por algumas dessas obras", disse Chiarelli. "E o mesmo vale para retrospectivas de Barsotti, Fiaminghi ou Waltercio, que ficariam mais representativas da trajetória do artista com as obras do MAM."

As novas aquisições também podem "conversar" com outras obras do MAM. "A chegada dessas dez obras redimensiona todo o acervo do museu", afirma o curador. "A compra de 'Experiência Mondrian' (Waltercio), por exemplo, permite que sejam expostas ao público obras que antes ficavam um pouco isoladas no acervo, como 'Man Ray', de Regina Silveira."

O valor total pretendido pelo MAM era de quase US\$ 2 milhões — o que inclui, além da compra das obras, custos administrativos, divulgação e impostos. Até o final de dezembro, o museu havia conseguido captar, em reais, pouco mais de 20% desse valor.

Com as dez obras adquiridas agora foram gastos cerca de 40% do montante captado até o momento. Os outros 60% serão usados para adquirir trabalhos previstos pelo projeto — Sérgio Camargo (esculturas dos anos 70 e 80), Carmem Gross ("Carimbos" da década de 70), Willys de Castro ("Pluriobjetos", anos 80) e Ana Maria Maiolino ("Objetos-Esculturas", 80 e 90), entre outros.

Inscrição para Rumos Visuais acaba hoje

da Redação

O que a arte brasileira tem a oferecer de novo? O projeto Rumos Visuais, do Itaú Cultural, exibe a sua versão a partir de agosto, quando começa a exibir uma seleção de artistas iniciantes vindos de todo o Brasil.

Podem participar quem tenha realizado até cinco exposições em museus ou instituições ou até uma mostra em galeria comercial. Vale a produção visual em áreas diversas, como desenho, escultura, pintura, instalação, objeto e fotografia.

As inscrições terminam hoje e a seleção será feita por meio de porta-fólio contendo cinco a dez fotos coloridas de obras produzidas a partir de 97 (informações pelo tel. 011/238-1700).

Em agosto, o Itaú Cultural promete organizar nove mostras regionais — individuais ou coletivas — dos artistas escolhidos. No final do ano, apresenta em sua sede uma grande exposição reunindo as principais peças.

A partir de uma rede de curadores — coordenada por Angélica de Moraes, Daniela Bousso e Fernando Cocchiarari —, o projeto pretende varrer o país. Os

curadores principais dispõem de três assistentes, cada um cuidando de artistas de até quatro Estados diferentes.

Segundo Ricardo Ribenboim, diretor-superintendente do Itaú Cultural, o contato com as obras não vai ficar limitado aos porta-fólios. "Nossos curadores vão visitar todos os ateliês dos selecionados", disse.

O investimento não termina com realização da exposição final. "Vamos participar da formação do artista, oferecer bolsas de pesquisa e de ateliê-residência no Brasil e no exterior", afirma Ribenboim.

O custo total do projeto é de R\$ 400 mil. O número de selecionados ainda não está definido, pois depende do total de inscritos. Ribenboim adianta que espera receber mais de 500 interessados, para daí escolher entre 80 e 120 artistas — estes serão contemplados com a inclusão de suas obras em pelo menos uma mostra até meados de 2001. A cada dois anos o Rumos Visuais quer remapear o país atrás de novidades.

Carla Zaccagnini, uma das curadoras-adjuntas, responsável pelas escolhas em SP, GO e DF,

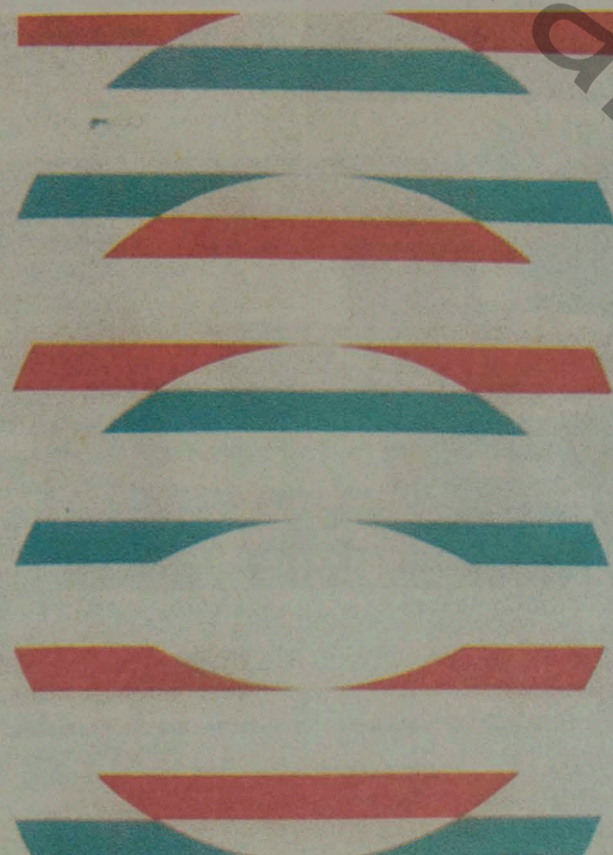
diz que não vai se submeter à uma "ditadura do inédito". "Não basta criar em novas mídias ou falar de questões contemporâneas para o trabalho ser considerado contemporâneo. O artista deve tratar de questões atemporais", afirma.

As novidades, entretanto, devem vir de regiões menos aparelhadas nas artes que o eixo Rio-São Paulo. "Estou mais preocupada em descobrir um artista interessante em Brasília do que rever aqueles que os galleristas de São Paulo gostam e já avalizar", diz ela.

A curadoria de Angélica de Moraes ressalta um caráter não-autoritário. "Não vamos chegar aos ateliês como Moisés carregando as Tábuas da Lei, mas com a intenção de criar um diálogo com as diversas regiões culturais do Brasil", diz ela.

"Neste final de século, seria muita pretensão querer descobrir algo realmente novo. Sabemos que não vamos reinventar a pólvora, mas revelar artistas promissores, que tenham potencial para crescer." (FO)

Na Internet: www.itaucultural.org.br
E-mail: instituto@itaucultural.org.br



"Círculos Concêntricos e Alternados", de Fiaminghi, em exibição no MAM